

pelos Padres Conciliares. No dia 3 de junho de 1963, faleceu o grande Pontífice: sua oração suprema foi a de toda a sua vida: "Que todos sejam UM". Jules Isaac estava muito doente, com uma fraqueza crescente que não perdoou ao velho lutador. Entretanto, ao saber da morte de João XXIII, escreveu seu último artigo "Uma homenagem a João XXIII", publicou na revista judaica: "L'arche". O artigo termina assim: "E agora, aconteça o que acontecer um novo e profundo sulco se abriu na vida religiosa do Judaísmo e do Cristianismo. Nada poderá suprimi-lo. Esteja a nossa gratidão à altura da obra cumprida.

João XXIII permanece presente mais do que nunca entre nós. Deus o tenha em sua graça".

Jules Isaac morreu algumas semanas mais tarde, em agosto de 1963. *Deus quis uni-los na vida e na morte.* Poder-se-ia aplicar a ambos as palavras que, no elogio fúnebre de João XXIII pronunciou, em Milão, o Cardeal Bea: "O inesquecível Pontífice deixou ao mundo algo que não poderá morrer com ele".

Este algo, é o espírito que informou o Concílio Vaticano II, e, no nosso caso, o espírito de NOSTRA AETATE, desenvolvido e vivenciado no correr desses 30 anos.

Procurei, nessa palestra, mostrar a abertura oficial dos "caminhos" do Diálogo entre Judeus e Cristãos, especialmente sua evolução no que diz respeito à América Latina.

Agora, nos resta unicamente, dizer: "VINDE, REFLITAMOS JUNTOS" (Isaías, 1,18).

Pois o caminho não foi e não é fácil. O mesmo diálogo que suscitou a atitude, terá que sustentá-la. "O sonho de ontem é o compromisso de hoje".

Cristãos e Judeus, no país em que vivemos, graças a Deus, pacificamente, temos, entretanto, muitas barreiras que superar: ir ao encontro daquele que necessita ajuda, promover a saúde, erradicar a pobreza, preocupar-nos pela educação, desenvolver as potencialidades da nossa gente. Se refletirmos juntos sobre o ateísmo, o materialismo, a intolerância, a violência, o fanatismo, *então estaremos pondo em prática os sonhos messiânicos*, próprios de cada uma das nossas Tradições, como filhos daquele Pai comum que está nos Céus...

Irmã Alda é Religiosa de Nº Srª. de Sion e Presidente da Fraternidade Cristão/Judaica - RJ

NOSTRA AETATE E O DIÁLOGO RELIGIOSO DESDE UMA PERSPECTIVA JUDAICA*

Dr. Carlos A. Barbouth

Shalom! Paz! Devo antes de mais nada agradecer à tão dinâmica Regional do Rio de Janeiro, pelo convite para apresentar um ponto de vista judaico sobre Nostra Aetate, sobre os seus frutos e sobre os desafios que ainda temos pela frente. O mero fato de nós, judeus e cristãos, estarmos refletindo juntos aqui na Sinagoga da Associação Israelita, à convite de um órgão da CNBB, sob os auspícios da Arquidiocese do Rio de Janeiro, dá testemunho sobre a copiosidade desses frutos!

Gostaria de começar citando uma frase do Rabino Henry Sobel para colocar o assunto na perspectiva histórica: "Basta lembrar como era o clima antes do Concílio Vaticano II. Após 19 séculos de discórdia e perseguição, os judeus viam a Igreja como eterno adversário, fonte primordial do anti-

semitismo cristão. Os católicos, por sua vez, acreditavam que os "assassinos de Cristo", tendo rejeitado o Salvador, haviam invalidado sua aliança com Deus. É possível imaginar dois povos mais distantes um do outro?"¹.

Shalom! Paz!. Nostra Aetate, como a nossa saudação de paz, é simples e precisa. Com estas palavras o Cardeal Edward Cassidy, Presidente do Pontifício Concílio para a Unidade dos Cristãos e da Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, deu início à sua palestra há cinco anos atrás em São Paulo, no ato de celebração do Jubileu de Prata deste, o mais breve e, talvez, o mais controverso dos Documentos Conciliares².

Nostra Aetate é certamente breve e simples. Porém, devemos ter presente que ela precisa ser lida no contexto de outros documen-

* (Palestra do Dr. Carlos A. Barbouth, proferida na mesa redonda sobre "Os 30 Anos de Nostra Aetate", VI Assembleia Anual da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1995)

1. Sobel, Henry : "25 Anos de Nostra Aetate", *Rev. Encontro* 24, 1990, Conselho de Fraternidade Cristã-Judaica, São Paulo.

2. Cassidy, Edward I., Palestra proferida em São Paulo no dia 5 de novembro de 1990.

tos conciliares: referências ao mesmo assunto (o ensinamento católico a respeito dos judeus e do judaísmo) podem ser encontradas nas Constituições Dogmáticas *Lumen Gentium* (sobre a Igreja) e *Dei Verbum* (sobre a Revelação Divina), na declaração *Dignitatis Humanae* (sobre a Liberdade Religiosa), na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo de hoje) e na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (sobre a Sagrada Liturgia)³.

Também é importante ressaltar que hoje, *Nostra Aetate* e a sua mensagem devem de ser analisadas tendo em conta os pronunciamentos e iniciativas subseqüentes dos Papas, da Santa Sé e das Conferências Episcopais. O diálogo dos últimos 30 anos foi fecundo; em muitos pontos, o implícito virou explícito e o ambíguo foi clarificado⁴.

No breve espaço de uma palestra, obviamente não dá para uma análise profunda; mas quero convidar vocês para, juntos, numa rápida "leitura judaica" (*), refletirmos sobre alguns aspectos dos quatro principais textos que é necessário considerar: a Declaração *Nostra Aetate* em si; dois documentos posteriores da Santa Sé, da maior relevância - as "Orientações" de 1974 ("Orientações e Sugestões para a Aplicação da Declaração Conciliar *Nostra Aetate* nr. 4") e as "Notas" de 1985 ("Notas para uma correta apresentação dos Judeus e do Judaísmo na Pregação e na Catequese da Igreja Católica"⁵ - e finalmente o recente Catecismo da Igreja Católica.

É importante salientar que em trechos da "leitura judaica" se combinam e reproduzem in extenso colocações do Rabino Leon Klenicki⁶, um dos maiores especia-

listas da atualidade, e do Dr. Gerhart Riegner⁷, uma das luminárias do diálogo. Sirvam estas palavras como reconhecimento e atribuição de fonte.

A GÊNESE DE NOSTRA AETATE

Primeiramente, complementando a magnífica palestra precedente da Irmã Alda, uma brevíssima retrospectiva histórica sobre a gênese de *Nostra Aetate*, que é fundamental para poder apreciar a perspectiva judaica sobre o assunto.

Como vimos, próximo ao final de 1960, o Papa João XXIII entregou ao Cardeal Bea, seu principal auxiliar na área ecumênica e na gigantesca tarefa de "aggiornamento" da Igreja, o dossiê do Professor Jules Isaac, o humanista e intelectual judeu francês cujas sugestões para eliminar do ensino cristão as fórmulas suscetíveis de favorecer o anti-semitismo tornaram-se a base dos estudos preparatórios para a elaboração do documento Conciliar.

Nostra Aetate conheceu momentos de grande dramaticidade. Nascida de uma intenção de amor

do saudoso Papa João XXIII para com os judeus, a Declaração passou por reiteradas redações e enfrentou a mais tenaz oposição, dentro ou fora da Aula Conciliar, o que provocou uma redução sensível em seu tom carinhoso⁸.

Pode-se afirmar sem exagero que, no início, apenas uma pequena minoria dos Padres Conciliares achava como ponto necessário na agenda a relação judeu-cristã; a maioria considerava uma eventual declaração sobre os judeus, não como assunto teológico mas, quando muito, como gesto humano e cristão. Além disso, para os bispos do mundo árabe, a questão era muito delicada, e ninguém ignorava o receio que os dominava. Ficou também claro que, para que fosse aceito esse documento, as demais religiões também deviam entrar na luz ecumênica, o que de fato aconteceu⁹.

O público judeu acompanhou com intensa atenção as circunstâncias que cercaram aqueles debates. Mais de um observador chegou a concluir que o texto fora definitivamente abandonado. Mas todas as

3. Cf. Papa João Paulo II, Discurso de 16 de março de 1990 aos Representantes do Comitê Judeu Americano, *L'Osservatore Romano* (Ed. Portuguesa), 1 de abril de 1990.

4. Willebrands, Johannes, Discurso pronunciado em 1980, citado por Eugene Fisher em *Twenty Years of Jewish-Catholic Relations*, Paulist Press, New York, 1986.

5. Os textos completos de "Nostra Aetate", das "Orientações" e das "Notas" podem ser encontrados no "Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil", estudos da CNBB nr. 46, Ed. Paulinas, São Paulo, 1986. Também na publicação "Documentação Básica para o Diálogo Religioso da Igreja Católica com o Judaísmo", Congreg. N.S. de Sion, São Paulo/95.

6. Cf. Klenicki, Leon: "A Declaração 'Nostra Aetate' Quinze Anos Depois. Da Discussão ao Diálogo.", *Rev. Encontro* 17, 1982, Conselho de Fraternidade Cristão-Judaica, São Paulo; "A Veinte Años Del Concilio Vaticano II", *Confraternidad Judeo-Cristiana de Chile*, Santiago de Chile, 1984; "Nostra Aetate Twenty Years Later", *New Catholic World*, 1367, Sept./Oct. 1985; "Celebrating the 25th Anniversary of the Vatican II Declaration 'Nostra Aetate' nr.4 - Programs and Resources", A.D.L. of B'nai B'rith, New York, 1990; "From Argument to Dialogue: Nostra Aetate Twenty-Five Years Later", In our Time, Paulist Press, New York, 1990.

7. Riegner, Gerhart M.: "Nostra Aetate: Twenty Years After"; I.C.J.L.C., *Fifteen Years of Catholic-Jewish Dialogue*, Libreria Editrice Vaticana, 1988. Reproduzido na Revista *Shalom* "Diálogo", 248, São Paulo, Abril 1987.

8. Portó, Humberto *Os Protocolos do Concilio Vaticano II sobre os Judeus*, Edições Diálogo, São Paulo, 1984.

9. Barhouth, Carlos A.; "Católicos e Judeus", *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1990.

vezes ele era ressuscitado, graças em grande parte aos magníficos esforços do Cardeal Bea, principal promotor do projeto. Algumas pessoas até vêem neste fato uma demonstração do mistério de Israel¹⁰.

A Declaração foi finalmente aprovada em Outubro de 1965, durante a quarta e última sessão do Concílio; na votação final, sobre 2312 votantes, 2221 ou 96% deram o placet. O Papa Paulo VI, na homilia do dia da promulgação, fez questão de dedicar especial atenção “aos hebreus, objeto não mais de reprovação e desconfiança, mas de respeito, amor e esperança”¹¹.

Nostra Aetate hoje, à luz do Magistério do Papa João Paulo II

Nostra Aetate não foi uma declaração estática; ela adquiriu a sua dinâmica própria e tornou-se o eixo de uma série de desenvolvimentos não previstos no começo. Hoje, com o magistério tão rico de João Paulo II, ela continua viva, vibrante e rejuvenecida. Possivelmente a maior contribuição deste Papa às relações entre católicos e

judeus tinha sido o seu indiscutível sucesso em dinamizar e potenciar o espírito de Nostra Aetate¹².

“Desejo confirmar com a maior convicção”, disse ele, “que os ensinamentos do Concílio Vaticano II proclamados na Declaração Nostra Aetate (...) continuarão sendo para nós, para a Igreja Católica, para o Episcopado (...) e para o Papa, ensinamentos que deverão ser seguidos, que devem ser aceitos não meramente por serem adequados e convenientes, mas por serem uma expressão de fé, uma inspiração do Espírito Santo, uma obra da Sabedoria Divina”¹³.

Em 1986 houve a inesquecível visita do Papa à Grande Sinagoga de Roma, ocasião esta que representou uma verdadeira divisória das águas, um marco histórico da maior importância. E as declarações de João Paulo II diante da Arca Santa foram corajosas, coerentes e comoventes. “Temos com o judaísmo”, disse o Papa, “uma relação que não temos com nenhuma outra religião. Sois os nossos irmãos prediletos e, de um certo modo, poder-se-ia dizer que sois nossos irmãos maiores”.

10. Riegner, Gerhart M., op. cit.

11. Paulo VI, Homilia do 28 de outubro de 1965.

12. Barbouth, Carlos A. : “O Papa e os Judeus”, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1991.

13. João Paulo II, Caracas, 27 de janeiro de 1985.

Interpretando as muitas riquezas de Nostra Aetate, salientou que a religião judaica não é “extrínseca” à religião católica, senão que, de certo modo, é “intrínseca” a ela¹⁴.

E se Nostra Aetate datasse de 1935?

Seria interessante formular neste ponto da minha exposição, a pergunta que muitos se fizeram ao ler o texto de Nostra Aetate: Quantos judeus teriam se salvado se esta Declaração tivesse sido aprovada em 1935 no lugar de 1965?

A resposta é claramente que muitos, talvez até a maioria. Mas trata-se de uma interrogação banal, quase que sem sentido, porque não estavam dadas as mais mínimas condições para isso acontecer.

As colocações que vou fazer agora poderão surpreender ou até chocar alguns; mas o diálogo que almejamos exige um rigoroso conhecimento do passado, sem os quais não poderemos apreciar em toda sua magnitude as transformações que tiveram lugar.

No meado dos anos trinta, com a consolidação do nazismo na Alemanha, o antisemitismo virulento

está no seu apogeu. A encíclica de Pio XI, “Mit brennender Sorge”, condenando o mais claramente possível em 1937 o racismo nazista e seus abusos, e a corajosa atitude desse Papa nos dois últimos anos do seu pontificado, são um raio de luz numa noite de indiferença; ele pronuncia a sua memorável frase aos peregrinos belgas em setembro de 1938, com lágrimas nos olhos: “O antisemitismo é inadmissível; espiritualmente somos todos semitas”, mas observe-se bem nem o “Osservatore Romano” nem a influente revista dos Jesuítas, “Civiltà Cattolica”, mencionaram sequer uma palavra. Por quê?

É preciso ser frio e objetivo nisto: foi necessária a brutalidade demencial do holocausto, o genocídio de um povo, para que o mundo católico reagisse. Porque, com pouquíssimas exceções, esse mundo era intolerante¹⁵.

A mudança foi gradativa, árdua e espinhosa, porém radical e irreversível. Sabendo disto, quanto mais podemos valorar agora o gesto e a coragem de João XXIII, a dedicação do Cardeal Bea e de tantos jesuítas ao redor do mundo à causa do diálogo, e a perseverança ímpar das Irmãs de Sion.

14. João Paulo II, Discurso na Grande Sinagoga de Roma, 13 de abril de 1986.

15. Barbouth, Carlos A. : “João XXIII e o Diálogo Religioso: Uma Perspectiva Judaica”, Caderno 24, Atualidade em Debate, Centro João XXIII IBRADES, Rio de Janeiro, Jan./Fev/1994.

UMA LEITURA JUDAICA DE NOSTRA AETATE

O "Aggiornamento"...

Segundo o Rabino Leon Klenicki, o "aggiornamento" começado pelo Concílio Vaticano é um processo de renovação interna que impõe a consideração de experiências religiosas do passado e a avaliação da alma em relação a outros compromissos de fé. Inclui especificamente a consideração e a reconsideração do Judaísmo e do Povo Judeu. Atitudes negativas cristãs de séculos exigiam uma reflexão além do triunfalismo teológico dos Padres da Igreja e das idéias dos teólogos medievais.

A reconsideração do Concílio sobre Israel foi parte de uma preocupação sobre o sentido real do testemunho cristão. As discussões no Vaticano II demonstram que houve um constante intercâmbio, envolvendo o conhecimento de teólogos e especialistas católicos, como também de personalidades judaicas ativas no relacionamento inter-religioso. Porém, é fundamental ter sempre em mente que a Nostra Aetate foi preparada e escrita por teólogos católicos, para a comunidade católica; não é dirigida a nós, judeus, mesmo sendo nós seu tema principal.

- A atitude judaica

Devemos esclarecer que as reações à Nostra Aetate dentro da comunidade judaica foram as mais

variadas, desde o total negativismo ou um prudente ceticismo, até a aceitação reservada e o entusiasmo.

Isso não deveria surpreender. Tinham passado apenas vinte anos desde o Holocausto - a SHOA, esse vento devastador e trágico; para muitos, a tradicional negação cristã da vocação e do destino de Israel tinha sido assumida pelos ideólogos totalitários para negar e tentar destruir Israel como uma comunidade concreta, e viam o diálogo inter-religioso já como imoral - achando tratar-se de uma tentativa para dissimular as iniquidades do passado -, já com temor, como mais um intento de proselitismo e conversão, só que agora solapado e não aberto e violento como em tristes épocas anteriores.

Além do qual, não existindo no judaísmo uma ordem hierárquica semelhante a da Igreja Católica que pudesse resultar numa "posição oficial", não é difícil compreender a existência de grandes diferenças de opinião entre ortodoxos, conservadores e liberais, sem falar dos pontos de vista dos não-religiosos. Como já é sabido, dois judeus, três opiniões!

A Nostra Aetate está aberta a uma leitura e a uma interpretação comprometida, e este processo aprofunda o diálogo.

- Os princípios maiores

Na opinião do Dr. Gerhart Riegner, a Declaração Nostra Aetate no seu Capítulo 4, estabele-

ce alguns princípios maiores que definem a atitude da Igreja com relação ao povo judeu: enfatiza o vínculo espiritual entre a Igreja e o povo judeu; afirma ter recebido o "Antigo Testamento através do povo com o qual Deus concertara o Antigo Pacto"; reconhece as raízes judias do cristianismo, começando pela origem judia do próprio Jesus, da Virgem Maria e de todos os Apóstolos; e declara que os judeus não são rejeitados nem amaldiçoados por Deus.

Todas essas afirmações são categóricas. Particularmente, o fortalecimento dos vínculos espirituais comuns, o reconhecimento da validade das premissas do acordo com Israel, a refutação da acusação de deicídio e a rejeição de todas as formas de anti-semitismo, são parâmetros significativos no processo de formulação de uma nova teologia católica.

Examinaremos agora alguns destes assuntos com maior cuidado, per se e também sob a luz das "Orientações" de 1974:

a) Missão e Vocação do Judaísmo no Desígnio de Deus:

Nostra Aetate começa por uma explicação dos vínculos espirituais comuns do relacionamento da Igreja com o Judaísmo, referido no documento como "descendência de Abraão". A Igreja reconhece que, de acordo com o desígnio de salvação de Deus, as origens da fé cristã já se encontram nos Patriarcas, em Moisés e nos Profetas".

O Documento indica uma maneira de ligar-se ao povo de Israel. Não repete a atitude de séculos passados, por exemplo, o conceito de que o Tanah, a Bíblia hebraica, é meramente uma preparação para a vinda e missão de Jesus e que Israel perdeu sua missão e sentido no plano divino.

As "Orientações" (na seção 2 - A Liturgia), enfatizam o valor da Bíblia hebraica: "Hão de ser envidados esforços para compreender aquilo que, no Antigo Testamento, mantém um valor próprio e perpétuo. (cf. Dei Verbum, 14,15), não estando tal valor obliterado pela ulterior interpretação do Novo Testamento, que lhe confere o seu significado pleno, ao mesmo tempo que, reciprocamente, aí encontra luz e explicação."

As "Orientações" (seção 3 - Ensino e Educação) também indicam que a história do Judaísmo não termina com a destruição de Jerusalém, mas prosseguiu e foi cultivando uma tradição religiosa "todavia rica em valores religiosos". Surge daí que o judaísmo não é uma religião fossilizada, exausta, esgotada no seu conteúdo; muito pelo contrário, e isto é um dos conceitos da maior relevância; ela continua sendo viva e valiosa.

b) A Acusação de Deicídio

A acusação de deicídio perseguiu durante anos o povo Judeu e criou um clima geral de animosidade e mesmo de ódio. As comemorações anuais da paixão e os

ensinamentos catequéticos antes do Vaticano II, fizeram com que esta acusação persistisse. A "Nostra Aetate" refere-se ao assunto sem especificações, criando uma preocupação para o leitor judeu:

"Se bem que os principais dos judeus com seus seguidores, insistiram na morte de Cristo, aquilo contudo que se perpetrou na Sua Paixão não pode ser indistintamente imputado a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus de hoje."

A referência aos "principais dos Judeus" fazendo pressão para a morte de Jesus é muito vaga e precisa de considerações mais detalhadas. Isso é feito pelas "Orientações" (seção 3 - Ensino e Educação): "O Judaísmo, no tempo de Cristo e dos Apóstolos, era uma realidade complexa, reunindo várias tendências, muitos valores espirituais, religiosos, sociais e culturais".

Algumas perguntas a serem feitas seriam, então: "Quem eram as autoridades judaicas na Jerusalém dominada pelos Romanos? O texto refere-se ao Sumo-Sacerdote nomeado por Roma? ou se refere aos estudiosos Fariseus do Sinédrio? Aos líderes populares do movimento zelote? É muito difícil determinar uma autoridade nesta época. A Nostra Aetate inclui toda a liderança judaica de então?"

Como esclareceu o escritor Hugo Schlesinger, um dos grandes artífices do diálogo no Brasil, "há responsabilidades de ordem moral e de ordem jurídica. No caso da morte do Cristo é difícil apontar uma destas responsabilidades e transferi-la para o povo judeu"¹⁶.

Os Catecismos

Passando agora para as "Notas" (seção 4 - Os Judeus no Novo Testamento; #22), vamos ler nada menos que um trecho do Catecismo do Concílio de Trento (no meado do século XVI).

O Catecismo do Concílio de Trento ensina que "os cristãos pecadores são mais culpados da morte do Cristo do que os poucos judeus que nela tomaram parte. Estes, na verdade "não sabiam o que estavam fazendo" (Lc 23,34), enquanto nós o sabemos e muito bem".

Nos nossos dias, o Catecismo da Igreja Católica (#597) é claríssimo: os judeus não são coletivamente responsáveis pela morte de Jesus. E o # 598 é contundente: "a Igreja não hesita em imputar aos cristãos a responsabilidade mais grave no suplicio de Jesus, responsabilidade que com excessiva frequência estes debitarão quase exclusivamente aos judeus".

O ANTI-SEMITISMO E O VATICANO II

O que a Nostra Aetate destaca é a intenção de apresentar a história dos judeus e do Judaísmo na maneira como é apresentado nos ensinamentos do Evangelho:

"Embora a Igreja seja o novo povo de Deus, os judeus, no entanto, não devem ser apresentados nem como condenados por Deus, nem como amaldiçoados, como se isso decorresse das Sagradas Escrituras. Haja, por isso, cuidado da parte de todos para que, tanto na catequese como na pregação da Palavra de Deus, não se ensine algo que não se coadune com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo". Diz ainda: "Os judeus ainda são amados por causa de seus pais, porque Deus não se arrepende dos dons e da sua vocação".

A preocupação do Concílio com a realidade histórica do anti-semitismo foi evidente nas discussões gerais e na preparação da Nostra Aetate:

No primeiro esboço, a reprovação do ódio e das perseguições contra os judeus havia sido expressa através de dois verbos simultâneos:

"Deplora (as vezes traduzido ao português como "lamenta") e Condena" (deplorat et damnat). A nova redação eliminou o segundo ver-

bo, exaurindo sensivelmente o vigor da frase. Os Padres do Concílio consideraram que a palavra "condena" deveria ser empregada somente por um Concílio Vaticano para problemas relativos a dogmas.

Vejamos, Nostra Aetate diz: "A Igreja, não por motivos políticos, mas impelida pelo santo amor evangélico, 'lamenta' os ódios, as perseguições, as manifestações antisemíticas, em qualquer tempo e por qualquer pessoa, dirigidos contra os judeus".

Agora bem, "lamenta" é uma palavra muito fraca. A gente pode "lamentar", por exemplo, a condição ruim das rodovias estaduais ou coisas dessa natureza; mas crimes como o anti-semitismo, isso não se lamenta - isso se condena!¹⁷.

Desdobramentos

Felizmente, dez anos mais tarde, fruto evidente do diálogo católico-judaico, as "Orientações" declaram inequivocamente a condenação: "...lembraremos aqui simplesmente os laços espirituais e as relações históricas que ligam a Igreja ao Judaísmo, condenando como oposto ao próprio espírito do Cristianismo todas as formas de anti-semitismo e de discriminação que a dignidade da pessoa humana, só por si, já seria bastante para condenar..."

16. Schlesinger, Hugo: *Quem matou Cristo?*, Editora Lidador, Rio de Janeiro.

17. Cf. Klenicki, Leon, op.cit. (Santiago de Chile, 1984)

Mais contundentes ainda foram as palavras do Papa em agosto de 1991 aos representantes da Comunidade Judaica de Budapeste: “Perante o perigo de que surjam e se difundam sentimentos, atitudes e iniciativas anti-semíticas, de que infelizmente se vêem hoje alguns sinais inquietantes, e cujos frutos mais abomináveis experimentamos no passado, é preciso educar as consciências a considerarem o anti-semitismo e todas as formas de racismo como pecados contra Deus e contra a humanidade.”

E falando de João Paulo II...

Temos ainda que reconhecer não só a extraordinária frequência das suas iniciativas e intervenções pastorais a respeito das relações católico-judaicas - já ultrapassam a centena e meia, - mas também a intensidade e a efusividade dos seus pronunciamentos.

Apenas para ilustrar o ponto, em 9 de julho de 1991, durante a sua visita pastoral à Polônia, ele fez questão de se reunir mais uma vez com os representantes das Comunidades Judaicas em Varsóvia (já tinha-se reunido com eles durante a sua visita em 1987). E disse:

"Os encontros com os representantes das Comunidades Judaicas constituem um elemento constante das minhas viagens apostólicas. Tal fato tem a sua eloquência, porque sublinha, no seu gênero, a

singular comunhão de fé que une os filhos de Abraão, que professam a religião de Moisés e dos Profetas, com aqueles que também reconhecem Abraão como o seu “pai na fé” (cf. Jo. 8, 39) e acolhem em Cristo, “filho de David e de Abraão” (cf. Mt. 1, 1), também toda a riquíssima herança de Moisés e dos Profetas.”

“O encontro com os Judeus na terra polaca, porém, tem sempre um significado especial. Hoje desejo recordar-me de tudo o que eu disse sobre este tema, já durante os encontros precedentes, e daquilo que me é sugerido pela minha fé e pelo meu coração.”

E acrescenta: “Hoje, após mais de vinte e cinco anos do Concílio Vaticano II, chegou o tempo de empreender o particular esforço para aplicar e para introduzir, na prática, o magistério da Igreja. Que o conteúdo destes documentos seja inspiração para empreender sempre novos esforços, da parte de todas as Igrejas locais, e entre elas também a Igreja polaca.”

- Seja-me permitido um breve parêntese para falar do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Na verdade, foi o próprio Cardeal Dom Eugênio de Araujo Sales quem primeiro fez referência a este discurso, durante uma reunião com a Regional Rio de Janeiro em julho 1991. Ele salientou a importância da condenação do Papa ao anti-semitismo e expressou grande

satisfação pelo fato do diálogo católico-judaico estar retomando impulso na sua Arquidiocese.

Acho oportuno mencionar o Cardeal Dom Eugênio no contexto deste segmento dedicado ao Magistério Pontifício, pela sua fidelidade ao Papa, isto é, pela dimensão excepcional da sua comunhão afetiva e efetiva com o Sucessor de Pedro.

SIONISMO E ESTADO DE ISRAEL

Há um aspecto que tanto a Nostra Aetate como as “Orientações” não consideram: é o Sionismo, o retorno a Sion, parte essencial da vocação religiosa dos judeus desde os tempos bíblicos. A experiência do exílio e do retorno, a esperança expressa na prece diária, simbolizam o relacionamento do povo Judeu com a Terra Prometida.

“Omissões deste tipo não acontecem por descuido”, escrevia em 1975 o Rabino Roberto Graetz, um pioneiro do diálogo no Rio de Janeiro e até alguns anos atrás nosso colega na Comissão Nacional de Diálogo. Ele adicionou que era necessário para os seus interlocutores católicos “sobrepôr-se as dificuldades e entender e respeitar o significado religioso deste laço entre o povo e sua terra”¹⁸.

A experiência do quase aniquilamento sob a escravidão nazista e outras formas de perseguição total, e a criação do Estado de Israel, são elementos absolutamente centrais da identidade contemporânea Judaica.

Felizmente, a questão foi se resolvendo gradativamente, a partir do pontificado de JP II, quem já em setembro de 1980, na sua homilia de Otranto, vinculou explicitamente a fundação do Estado de Israel com o Holocausto, e em 1984, na Carta Apostólica “Redemptionis Anno”, escreveu: “Para o povo judeu que vive no Estado de Israel, preservando naquela terra preciosos testemunhos da sua história e da sua fé, devemos pedir as tão desejadas segurança e tranquilidade, prerrogativas de todas as nações e condição de vida e progresso para todas as sociedades.”

Tratou-se de uma afirmação sem ambiguidade do direito do Estado judeu a sua existência e segurança.

Até que, finalmente, em 30 de dezembro de 1993, a Santa Sé e o Estado de Israel assinaram em Jerusalém o Acordo Fundamental sobre o estabelecimento de relações diplomáticas, processo este que culminou com a posterior troca de embaixadores Baruch Hashem! Abençoado seja o nome de Deus!

18. Graetz, Roberto: “O Diálogo Inter-religioso do Momento”, *Revista Herança Judaica*, 22, 1975.

AS DIVERSAS FACETAS DO DIÁLOGO

Acompanhamento teológico

Todos esses desenvolvimentos doutrinários derivados da Nostra Aetate, foram acompanhados por uma séria reflexão teológica inspirada em grande parte nos debates e decisões do Concílio Vaticano II. Importantes teólogos católicos dedicaram-se a esta tarefa e muito contribuíram para a elaboração de uma nova doutrina.

Alguns nomes do período conciliar: Jean Danielou e Hans Urs von Balthasar. Mesmo afirmando categoricamente a centralidade de Cristo e a total realização que a sua chegada significou na história da salvação, eles acharam modos de deixar algum espaço teológico para o judaísmo. Não tentaram reconciliar a tensão aparente nessa tomada de posição, valendo-se da argumentação Paulina na Carta aos Romanos que a sua "compatibilidade" perdurava como um "mistério" no plano divino da salvação humana¹⁹.

Alguns dos teólogos posteriores que trataram o tema preferiram trabalhar em alguma medida com a idéia de duas Alianças gê-

meas. Por exemplo, Gregory Baum, Clemens Thoma e Franz Mussner²⁰. Porém, as "Notas" de 1985 dizem que "Igreja e Judaísmo não podem ser apresentados como dois caminhos paralelos"²¹.

Obviamente são muitas as questões a serem elucidadas.

Ensino e educação

Paralelamente a estes esforços no campo da doutrina, houve um grande progresso com a introdução do ensino de Nostra Aetate e de temas religiosos e históricos relacionados com os judeus e o judaísmo a estudantes católicos, tanto no curriculum dos seminários quanto nas faculdades de Teologia e nas universidades. Isto é de grande ajuda na preparação de uma nova geração de líderes religiosos católicos para suas tarefas pastorais. A importância deste tema também foi salientada múltiplas vezes no Sínodo de 1990 sobre "A Formação dos Sacerdotes nas Circunstâncias Atuais".

Do lado judaico, existe um esforço semelhante nos seminários de formação rabínica e de ensino religioso. Reconhecemos, porém, que esse esforço deve se intensificar. E

cito o pensamento do Presidente da Confederação Israelita do Brasil, Sr. Alberto Nasser:

"Nós, judeus, herdamos uma história milenar e uma memória milenar. É essa memória que nos mobiliza para evitar que erros e tragédias, que marcaram o nosso passado, possam se repetir... A intransigência e o fanatismo religioso são alguns desses erros... A intolerância e o preconceito não devem ser mais suportados. Temos a obrigação de combatê-los de todas as maneiras possíveis: através do diálogo intercultural e inter-religioso e, com certeza, através da educação...."²².

Liturgia

No campo da liturgia, devemos assinalar antes de mais nada a modificação, na liturgia da Sexta-Feira Santa, da oração "pro perfidis judaeis", por determinação do inspirador do Concílio, o Papa João XXIII. Houve também a revisão dos textos litúrgicos no Missal Romano, feita por Paulo VI em 1969, e a abolição do culto de crianças supostamente vítimas de assassinio ritual. São passos importantes para conseguir respeito e mútuo entendimento.

A liturgia é um meio de educação tão importante quanto a aula, se não mais²³. Tanto no estudo da liturgia quanto da teologia confere-se cada vez maior ênfase as raízes hebraicas. Pois, segundo Franz Mussner, "os cristãos estão ensaiando de ver Jesus com olhos judaicos e não apenas à luz da cristologia"²⁴.

Neste sentido, e conforme colocação de Monsenhor Ramon Torrella, Arcebispo de Tarragona e encarregado do diálogo católico-judaico na Conferência dos Bispos Espanhóis, Jesus, nascido judeu e criado como tal, foi membro desse povo desde a sua concepção até a sua ressurreição da morte e além. Diz Monsenhor Torrella: "Sentado à direita do Pai, como nós cristãos acreditamos, Ele mantém sempre sua identidade judaica, nunca negada, nunca perdida. Um filho do povo de Israel, segundo afirma o Apóstolo Paulo".

Ecumenismo

Gostaria de frisar também outro aspecto bem sucedido do Diálogo, o ecumênico, pois as declarações do Vaticano estimularam o pensamento e a pesquisa teológica

19. Pawlikowski, John T., "New Trends in Catholic Thought", Twenty Years of Jewish-Catholic Relations, Paulist Press, New York, 1986.

20. Pawlikowski, John T., op.cit.

21. "Notas", nr.25

22. Nasser, Alberto: Revista da CONIB, Rio de Janeiro, 1992

23. Fisher, Eugene, "Catholic Liturgy: From Theory to Praxis", in *The Jewish Roots of Christian Liturgy*, Paulist Press, New York, 1989.

24. Mussner, Franz, "Tratado sobre os Judeus", Edições Paulinas, São Paulo, 1987.

sobre as relações com os judeus e o judaísmo em círculos e comunidades cristãs fora do âmbito da própria Igreja Católica.

Ação social conjunta

Devemos mencionar os esforços para implementar a ação social conjunta, segundo o que fora estipulado pelas "Orientações". Em alguns países, particularmente nos Estados Unidos e no Canadá, a colaboração entre comunidades católicas e judias no campo humanitário foi extremamente bem sucedida.

O intenso trabalho da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico e das Fraternidades Cristão-Judaicas visa atingir um sucesso semelhante em todo o Brasil.

SINTETIZANDO OS DESENVOLVIMENTOS POST- CONCILIARES

Como vimos, estes abrangem uma grande variedade de campos. O mais importante deles é sem dúvida o doutrinário, no qual as seguintes formulações são as mais importantes:

1) O diálogo exige respeito pelo outro tal como ele é, sobretudo respeito pela sua fé e suas convicções religiosas.

2) O Antigo Testamento e a tradição judaica não devem ser

comparados com o Novo Testamento, fazendo o primeiro parecer uma religião constituída apenas de justiça, temor e legalismo, deixando em segundo plano o amor a Deus e ao próximo.

3) A história do judaísmo não terminou com a destruição de Jerusalém; ao invés, continuou desenvolvendo uma tradição rica em valores religiosos.

4) Os cristãos devem tentar compreender os traços essenciais segundo os quais os judeus se definem à luz da sua própria existência religiosa, ao invés de tentarem enquadrar a experiência judaica dentro dos parâmetros religiosos católicos.

O corolário, a recíproca óbvia, é que os judeus também têm uma incumbência fundamental: conhecer por sua vez os traços essenciais que definem o cristianismo, conhecer e aceitar os cristãos como uma opção válida de fé, sem temores de que isso implique numa perda dos valores da fé judaica nem que possa resultar num convite ao proselitismo ou a conversão.

Afinal de contas, em matéria de pluralismo religioso como em tantas outras áreas da convivência cotidiana, a compreensão e a fraternidade exigem tolerância e respeito à identidade e à integridade do outro²⁵.

25. Barbouth, Carlos A.: "Educar para a Fraternidade", *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 de Outubro de 1996

REFLEXÕES FINAIS

Demoramos perto de dois mil anos para chegar a Nostra Aetate; é impossível que tudo seja resolvido magicamente em somente trinta²⁶. Contudo, quanto caminho temos percorrido, quanto progresso desde aquele tímido "lamenta" de um Concílio que decidiu "não condenar" até o clamor do Papa João Paulo II: "Anti-semitismo e racismo são pecados contra Deus e contra a humanidade"!

E, para finalizar com NOTA 10 (não nota 10 à minha exposição, mas nota 10 das Notas), porque não ler o número 840 do Catecismo da Igreja Católica, só que por enquanto omitindo as duas últimas linhas:

"De resto, quando se considera o futuro, o Povo de Deus da Aliança e o novo Povo de Deus tendem para fins análogos: espera da vinda (ou da volta) do Messias. Mas o que se espera é, do lado dos cristãos, a volta do Messias, morto e ressuscitado, reconhecido

como Senhor e Filho de Deus, e do outro lado, dos judeus, a vinda do Messias - cujos traços permanecem encobertos - no fim dos tempos,...."

Isto é, o advento da Era Messiânica.

Agora sim, leiamos as duas últimas linhas do número 840:

"...espera esta acompanhada do drama da ignorância ou do desconhecimento de Cristo Jesus."

Sendo que nos coube viver neste meio tempo até a Parúsia (isto é, até a chegada do Reino de Deus)²⁶, certamente que teremos tempo suficiente durante esta espera para debatermos sobre a validade ou não e as implicâncias dessa frase. No entanto, façamo-lo fraternalmente, trabalhando juntos pelo bem comum e para melhorar o mundo.

Dr. Carlos A. Barbouth é Presidente Judaico do Cons. de Fraternidade Cristão-Judaico de São Paulo.

26. Willebrands, Johannes, op.cit.

27. Cf. "Notas", nr.II, 9,10 e 11; Cf.também Cunha Campos, Maria Consuelo: "Vivências do Diálogo", Palestra proferida na Associação Religiosa Israelita, Rio de Janeiro, 27 de maio/91.